

## Formação em Jornalismo e questões de Gênero: Práticas de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de Curitiba e Ponta Grossa/PR

Journalism training and Gender issues: educational practices, research and extension in courses of Curitiba and Ponta Grossa/PR

Formación en Periodismo y cuestiones de Género: Prácticas de enseñanza, investigación y extensión en los cursos de Curitiba y Ponta Grossa / PR

Recebido em: 30/03/2018  
Aceito em: 03/10/2018

### RESUMO

A partir de pesquisa realizada junto aos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR sobre o tratamento das questões de gênero na formação profissional, o artigo discute a temática de gênero sob a luz das Novas Diretrizes Curriculares de 2013, que norteiam os projetos pedagógicos das instituições. Um retrato das práticas de ensino, pesquisa e extensão, resultante de questionários aplicados a coordenadores(as) e professores(as) de cursos de sete instituições (Universidade Federal do Paraná, Universidade Positivo, Grupo Educacional OPET, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Centro Universitário Autônomo do Brasil, Universidade Estadual de Ponta Grossa e Faculdades Secal), é apresentado para debater a importância do tema na formação em Jornalismo.

### PALAVRAS-CHAVE

Estudos de gênero. Diretrizes Curriculares. Ensino de Jornalismo. Pesquisa. Extensão.

### ABSTRACT

Based on a research carried out with the Journalism courses of Curitiba and Ponta Grossa in Paraná on the treatment of gender issues in vocational training, the article discusses gender theme based on the New Curriculum Guidelines of 2013, which guide the pedagogical projects of the institutions. A description of teaching, research and extension practices, resulting from questionnaires applied with coordinators and teachers of courses from seven institutions (Federal University of Paraná, Positivo University, OPET Educational Group, Pontifical Catholic University of Paraná, University Center Autonomous of Brazil, Ponta Grossa State University and Secal Colleges), is presented with the intention of highlighting the importance of the theme in journalism training.

### KEYWORDS

Gender studies. Curricular Guidelines. Teaching Journalism. Search. Extension

### RESUMEN

A partir de una investigación realizada junto a los cursos de Periodismo de Curitiba y Ponta Grossa en Paraná sobre el tratamiento de las cuestiones de género en la formación profesional, el artículo discute la temática de género bajo la luz de las Nuevas Directrices Curriculares de 2013, que orientan los proyectos pedagógicos de las instituciones. Un cuadro de las prácticas de enseñanza, investigación y extensión, resultante de cuestionarios aplicados con coordinadores(as) y profesores(as) de cursos de siete instituciones (Universidad Federal de Paraná, Universidad Positivo, Grupo Educativo OPET, Pontifícia Universidad Católica de Paraná, Centro Universitario Autónomo de Brasil, Universidad Estatal de Ponta Grossa y Facultades Secal) se presenta con el propósito de evidenciar la importancia del tema en la formación en Periodismo.

### PALABRAS CLAVE

Estudios de género. Directrices Curriculares. Enseñanza de Periodismo. Investigación. Extensión.



### Bruna Aparecida Camargo

Mestranda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG – Paraná).  
[brunacamargo.jorn@gmail.com](mailto:brunacamargo.jorn@gmail.com)

### Karina Janz Woitowicz

Doutora, professora do curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da (UEPG).  
[karinajw@gmail.com](mailto:karinajw@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento e consolidação da formação profissional em Jornalismo podem ser observados a partir de um percurso histórico em que as transformações no ensino resultaram, entre outros fatores, no fim dos currículos mínimos para o ensino de Jornalismo e, recentemente, na criação das Diretrizes Curriculares Nacionais em Jornalismo (2013). Ao versar sobre as diretrizes, o enfoque deste trabalho está no documento em vigência desde 2013 e na sua importância para a elaboração dos projetos pedagógicos dos cursos de Jornalismo. Esse artigo, portanto, dedicou-se em identificar a presença ou ausência das questões de gênero neste documento e abordar de que formar o tema é trabalho no processo de formação profissional.

O conceito de gênero compreende a construção social da diferença entre os sexos e confere significado às relações de poder (SCOTT, 1995). Trata-se de uma abordagem que critica o essencialismo biológico e oferece bases para compreender o modo como se elaboram representações de gênero a partir de referências culturais. No campo jornalístico, Gaye Tuchman (1980), em estudo sobre os impactos da organização do tempo e do espaço sobre o trabalho jornalístico, já observava que as mulheres assumem status periférico nas notícias, uma vez que as práticas jornalísticas acabam por legitimar o poder institucional. As relações de gênero no jornalismo, portanto, também são marcadas por hierarquias e relações de poder, que ao mesmo tempo determinam e são determinadas pela cultura profissional (SILVA, 2014).

Ao considerar a importância da abordagem (interdisciplinar) de gênero para o campo jornalístico, partimos da motivação de observar como este debate se insere no ensino e na prática profissional. A pesquisa compreendeu aplicação de dois questionários<sup>1</sup> no ano de 2017 com os(as) coordenadores(as) e professores(as) que integram os cursos analisados (OPET, Positivo, PUCPR, Secal, UEPG, UFPR e UniBrasil). Eles foram respondidos através da plataforma Google Docs e tanto as coordenações como os(as) professores(as) foram contatados(as) via e-mail.

Torna-se oportuno registrar que algumas respostas oferecidas pela coordenação dos cursos foram conferidas por outros meios como o site da instituição, plataforma Lattes e PPCs, por exemplo. O intuito, ao adotar tais procedimentos, foi unicamente checar os dados na intenção de oferecer informações mais precisas possíveis para a pesquisa.

Ao longo do artigo, são apresentados os dados obtidos por meio dos questionários com o propósito de oferecer um retrato da presença das questões de gênero nas práticas de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de Jornalismo. Para tanto, realiza-se uma reflexão sobre o impacto das diretrizes curriculares implementadas em 2013 e aponta-se para a importância de contemplar a abordagem de gênero de maneira transversal ao longo do processo de formação, valorizando experiências presentes nos cursos analisados.

## 2 ENSINO DE JORNALISMO E AS DIRETRIZES CURRICULARES

Dados do Ranking Universitário Folha indicam que o Brasil possui 315 cursos de Jornalismo<sup>2</sup>. Essas instituições precisaram adequar-se às Novas Diretrizes Curriculares Nacionais, que entre suas características demarca o curso de Jornalismo não mais

<sup>1</sup> Os questionários fazem parte dos resultados de pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo defendido na Universidade Estadual de Ponta Grossa em 2017. Todos(as) os(as) informantes autorizaram o uso dos dados dos questionários para fins de investigação acadêmica.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2016/ranking-de-cursos/jornalismo/>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

como uma habilitação da Comunicação Social. O Ministério da Educação (MEC) em 1997 através do Parecer nº: 776/97<sup>3</sup> publicou um documento sobre orientação para as diretrizes curriculares dos Cursos de Graduação. O parecer indica que a Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, por meio da Lei 9.131, de 1995, tem a competência de “deliberar sobre as diretrizes curriculares propostas pelo Ministério da Educação e do Desporto, para os cursos de graduação”.

Com as Diretrizes Curriculares para Comunicação Social<sup>4</sup> de 2002 foram estabelecidas as habilidades, competências e perfil do egresso, o que permitiu que as instituições de ensino superior pudessem trabalhar os projetos pedagógicos com mais flexibilidade e visando as demandas de cada região (BRASIL, 2002 apud CUNHA 2015). Antonioli também aponta que com a aprovação dessas Diretrizes Curriculares em 2001<sup>5</sup> as “instituições de ensino tiveram ampla liberdade para compor suas estruturas curriculares conforme o perfil de egresso desejado e sem uma imposição por parte do Ministério da Educação (MEC)” (ANTONIOLI, 2014, p.183). Cunha (2015, p.162) explica que a implementação das diretrizes de 2002, ao substituir os currículos mínimos, “colocou fim ao engessamento das matrizes curriculares definidas pelo poder público ao determinar disciplinas. A obrigatoriedade dos currículos mínimos cedeu lugar ao direcionamento das diretrizes”.

Em 12 de setembro de 2013, o Ministério da Educação (MEC) aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Jornalismo do país<sup>6</sup>. De acordo com o site da SBPJor, a homologação das Diretrizes Curriculares de 2013 concluiu processo iniciado junto ao MEC em 2009.<sup>7</sup> No entanto, a discussão sobre as Diretrizes sucede desde o final da década de 1990, através do debate da comunidade, que resultou no documento “Seminário Nacional de Diretrizes Curriculares de Ensino de Jornalismo”, como aponta o site da SBPJor. Com a aprovação do MEC das Novas Diretrizes<sup>8</sup>, os cursos de Jornalismo passaram a ser regidos por esse documento e tiveram o prazo de dois anos para adequarem seus projetos pedagógicos.

Entre outras coisas, a comissão propôs, como perfil do(a) egresso(a), um(a) jornalista profissional diplomado(a), com perfil generalista, humanista, crítico e reflexivo. O documento também indica que os cursos devem se estruturar nos seguintes eixos de formação: eixo de fundamentação humanística, de fundamentação específica, de fundamentação contextual, de formação profissional, de aplicação processual e de prática laboratorial. Destacou-se também a interação do ensino, a pesquisa e a extensão,

<sup>3</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer Nº: 776/97 aprovado em 3 de dezembro de 1997. Estabelece orientações para as diretrizes curriculares dos Cursos de Graduação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0776.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

<sup>4</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução nº 16 de 13 de março de 2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para a área de Comunicação Social e suas habilitações. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/cne/pdf/CES162002.pdf>> Acesso em: 13 set. 2017.

<sup>5</sup> BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer N.º: CNE/CES 492/2001 de 3 de abril de 2001. Aprova as Diretrizes Curriculares dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/sbpjor/2013/09/13/mec-homologa-diretrizes-curriculares-nacionais-de-jornalismo/>>. Acesso em: 01 set. 2017.

<sup>7</sup> O relatório para as novas diretrizes foi desenvolvido em 2009 por uma comissão de especialistas e serviu como base para audiências públicas que envolveram a comunidade acadêmica e representantes de entidades.

<sup>8</sup> Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&Itemid=30192)>. Acesso em: 01 set. 2017.

a articulação entre teoria e prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curriculares propostos (ANTONIOLI, 2014, p.188).<sup>9</sup>

A importância de incluir as Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo como ponto de partida para este artigo está alicerçada principalmente pelo fato de ser um documento norteador para a elaboração dos projetos pedagógicos. “As Diretrizes, além de resgatar a própria profissão do jornalista, oferecem aos cursos indicadores para a construção de projetos pedagógicos que compreendem aspectos essenciais para a formação do jornalista do século XXI” (ANTONIOLI, 2014, p.195).

O documento de oito páginas, disponível para download, está dividido em 18 artigos. O artigo 5º discorre sobre a formação pretendida para o(a) futuro(a) profissional em Jornalismo:

o concluinte do curso de Jornalismo deve estar apto para o desempenho profissional de jornalista, com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, capacitando-o, dessa forma, a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, capaz de responder, por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas, e, por outro, possuir os fundamentos teóricos e técnicos especializados, o que lhe proporcionará clareza e segurança para o exercício de sua função social específica, de identidade profissional singular e diferenciada em relação ao campo maior da comunicação social.

Isso significa que os cursos de Jornalismo precisam abordar muito além de técnicas de redação e edição dos materiais produzidos. O corpo docente da instituição deve ter em mente a responsabilidade em formar um(a) profissional que respeite e contemple as diferenças, que tenha consciência do seu papel de formador(a) de opinião e reconheça que o jornalismo está a serviço do interesse público. É neste contexto que se pretende observar o lugar da abordagem de gênero no processo de formação em Jornalismo.

29

### 3 A FORMAÇÃO EM JORNALISMO NOS CURSOS DE CURITIBA E PONTA GROSSA

Segundo dados do Ranking Universitário Folha 2016<sup>10</sup>, no Paraná são 23 Instituições de Ensino Superior com cursos de Jornalismo. Para esta pesquisa, foram analisados cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa. A capital do Estado possui sete cursos na área: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Faculdade OPET, Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), UniBrasil, Uninter, Universidade Positivo (UP) e Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). A Uninter e UTP foram retiradas da pesquisa, pois não disponibilizaram o projeto pedagógico do curso solicitado para o desenvolvimento do trabalho. Em Ponta Grossa os cursos de Jornalismo são oferecidos pela Faculdades Santa Amélia – Secal e Universidade Estadual de Ponta Grossa. Dessa forma, os sete cursos constituem a base da pesquisa.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> Com as Novas Diretrizes Curriculares em Jornalismo, a carga horária dos cursos aumentou de 2700 horas para 3000 horas, como noticiou o Observatório de Imprensa através da FENAJ. Disponível em: <[http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/\\_ed767\\_cne\\_publica\\_novas\\_diretrizes\\_curriculares\\_em\\_jornalismo/](http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed767_cne_publica_novas_diretrizes_curriculares_em_jornalismo/)>. Acesso em: 01 set. 2017.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://ruf.folha.uol.com.br/2016/ranking-de-cursos/jornalismo/>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

<sup>11</sup> A razão pela qual foram escolhidos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa explica-se pelos seguintes motivos: Curitiba, por contemplar o maior número de cursos de Jornalismo de todo o estado

A OPET faz parte de um grupo educacional que atua em Curitiba há 40 anos. Em 1999 a Faculdade OPET foi credenciada para oferta de cursos de bacharelado, entre eles Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda. O Curso de Comunicação Social – Jornalismo da OPET, localizado no bairro Bom Retiro em Curitiba, oferece um total de 100 vagas e funciona nos turnos matutino ou noturno. A duração do curso é de 4 anos (8 semestres) e sua carga horária total de 3244 horas. Segundo informações do questionário aplicado com os(as) coordenadores(as), a professora Laci Redua, coordenadora do curso de Jornalismo da OPET há 3 anos, informou que o curso teve início em 2001.

De acordo com o questionário ingressam em média anualmente 20 alunos(as) e formam-se 16 estudantes todo ano. O curso não dispõe de pós-graduação (lato sensu e/ou stricto sensu). Segundo a coordenadora, o curso não possui grupo e/ou projeto de pesquisa e disponibiliza cinco projetos e/ou grupos de extensão por semestre. A professora Laci Redua informou que o último currículo foi implementado em 2014.

O curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Positivo (UP) foi criado em 1999, com as aulas iniciadas em março do mesmo ano. O curso, hoje nomeado como Bacharelado em Jornalismo, localizado em Curitiba, oferece anualmente 100 vagas distribuídas nos períodos matutino ou noturno. A carga horária do curso é de 3.200 horas, de acordo com seu PPC.

A professora Maria Zaclis Veiga, que está na coordenação há 7 anos, informou que em média ingressam no curso 50 estudantes todo ano. São 35 alunos(as) formados(as) anualmente. Ela também informou que a instituição oferece pós-graduação lato sensu, além de grupo e/ou projeto de extensão, sendo oito atividades extensionistas e um grupo e/ou projeto de pesquisa. De acordo com o questionário, o curso tem duração de quatro anos e o último currículo foi implantado em 2016.

Segundo o Projeto Pedagógico do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), as atividades iniciaram em 1956. “O curso, no entanto, funcionou daquela data até 1983, quando foi desativado por cinco anos” (2016, p.08). O ensino de Jornalismo na PUCPR foi reativado em 1988, com atualizações periódicas em seu PPC, conforme o próprio documento. Em 2012 os cursos de Comunicação Social, nas habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, deixaram de integrar o Centro de Ciências Jurídicas e Sociais (CCJS) para compor a Escola de Comunicação e Artes. Em 2016 foi implementado o último currículo do curso, de acordo com o professor Julius Nunes, que está há seis anos na coordenação. Segundo as informações do coordenador, anualmente ingressam no curso uma média de 120 estudantes e cerca de 70 se formam em Jornalismo na instituição todos os anos. O curso possui seis projetos e/ou grupos de extensão e dois grupos e/ou projetos de pesquisa. O curso de Jornalismo é ofertado nos turnos da manhã ou noite e a carga horária total do currículo em vigência é de 3.060 horas. O curso, situado no bairro Prado Velho em Curitiba, não possui de pós-graduação (lato sensu e/ou stricto sensu), como informou o coordenador.

O curso da Universidade Federal do Paraná (UFPR) teve início em 1964 como Comunicação Social - habilitação Jornalismo. Em 2016 tornou-se Curso de Bacharelado em Jornalismo. As aulas estão distribuídas de manhã e à noite e o curso funciona no bairro Juvevê de Curitiba. A duração é de quatro anos (oito semestres) com carga

---

e também por se tratar da capital do Paraná. Ponta Grossa, por ser a cidade onde a pesquisa foi desenvolvida e pelo intuito de retratar a realidade local, de modo a conhecer os cursos de Jornalismo da cidade e a formação de novos(as) jornalistas.



horária de 3.230 mil horas. De acordo com as informações do coordenador João Somma Neto, obtidas através de questionário aplicado aos coordenadores(as), o curso possui uma média de 33 alunos(as) que ingressam anualmente e 30 estudantes formados em Jornalismo todo ano pela instituição. Ele informou que o curso oferece pós-graduação *stricto sensu* e que o mesmo possui três projetos e/ou grupos de extensão e que há seis projetos e/ou grupos de pesquisa. O último currículo foi implementado entre 2015 e 2016.

O Curso de Jornalismo da UniBrasil (Faculdades Integradas do Brasil) foi criado em 2001 e localiza-se no bairro Tarumã em Curitiba. A carga horária total do Curso é de 3.200 horas, com duração de quatro anos. O turno da graduação é matutino ou noturno. Segundo a coordenadora interina Elaine Javorski, o último currículo foi implantado em 2017. Dados do questionário apontam que em média são 40 estudantes que ingressam no curso anualmente e 35 que se formam todo ano. O curso não oferece pós-graduação e possui dois projetos e/ou grupos de extensão e um projeto e/ou grupo de pesquisa.

Em Ponta Grossa, o curso de Graduação em Jornalismo da Faculdades Secal possui a carga horária de 3.290 horas e duração de oito semestres. De acordo com dados do PPC, registra-se o número de 150 vagas oferecidas no período noturno. Há uma média de 30 alunos(as) por sala, nas aulas teóricas. O curso, situado no centro de Ponta Grossa, está sob a coordenação do professor Helton Costa. O coordenador informou que 35 alunos(as) ingressam em média todo ano e que, em uma estimativa, 25 são formados(as) anualmente. O professor também relatou que o curso oferece pós-graduação e que possui dois projetos e/ou grupos de pesquisa e uma média de seis projetos e/ou grupos de extensão por semestre. O último currículo do curso é de 2015. O curso de Jornalismo da Secal começou em 2001 como Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo e em 2015 mudou para Bacharelado em Jornalismo.

O curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) foi criado em 1985 e está situado no centro da cidade. Em 13 de junho de 2011, passou à denominação "Curso de Jornalismo" atendendo "à reivindicação da comunidade científica e entidades representativas em nível nacional, que compreendem o Jornalismo como área específica do conhecimento" (2014, p. 09). Com uma carga horária de 3.446 horas e duração de quatro anos, o curso é ofertado em período integral e oferece anualmente 42 vagas. De acordo com informações do questionário, formam-se em média 32 estudantes por ano, conforme informações da coordenadora do Curso, professora Hebe Maria Gonçalves de Oliveira. O curso possui pós-graduação *stricto sensu*, um programa de extensão, seis projetos de extensão e sete grupos de pesquisa. O currículo vigente do curso é de 2015.

A contextualização dos cursos analisados, com base nos questionários e na consulta aos sites das instituições, contribui para situar o corpus da pesquisa e compreender em qual cenário estão inseridas a abordagem e tratamento das questões de gênero ou a falta delas. Em virtude de cada curso possuir uma realidade e trajetória distinta, esse trabalho não tem a intenção de fazer comparações entre as instituições. O objetivo é oferecer um retrato das questões de gênero nos cursos de Jornalismo em Curitiba e Ponta Grossa.

#### 4 DIRETRIZES CURRICULARES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ENSINO

A elaboração das Novas Diretrizes Curriculares em Jornalismo marca um avanço no ensino e exercício da profissão ao reconhecer o campo jornalístico como específico; no entanto, cabe lembrar que o documento, ao mesmo tempo em que atua como

norteador das escolas de Jornalismo, permite uma liberdade curricular para os cursos. Assim, a partir dessa autonomia, as escolas de Jornalismo podem repensar e refletir sobre a formação oferecida aos(as) profissionais (ANTONIOLI, 2014).

Se a sociedade passa por constantes transformações, o mesmo pode-se dizer do Jornalismo. Por isso a necessidade de inserir o debate sobre gênero nos cursos, para buscar mudanças no exercício da profissão. Reconhecendo a relação entre ensino e o trabalho jornalístico, o Jornalismo não pode se esquivar do seu papel na sociedade, contribuindo para a opinião pública e promovendo debates na sociedade. A construção da notícia pelo(a) jornalista ocorre, entre outras razões, pela sua interpretação dos fatos (ALSINA, 2009). Sua formação e a forma de abordagem de temas, como as relações de gênero na graduação, serão fatores que irão determinar o exercício da função jornalística.

Foi com base nesta perspectiva que o questionário voltado à coordenação dos cursos de Jornalismo<sup>12</sup> buscou levantar dados sobre a formação profissional e as práticas pedagógicas, reunindo 37 perguntas, entre abertas e de múltipla escolha. As perguntas foram divididas em "identificação", "informações sobre o curso" e "informações sobre gênero nos cursos de Jornalismo". Os dois primeiros tópicos serviram para fornecer dados gerais sobre os sete cursos que compreendem a pesquisa, que foram referenciados no tópico anterior deste artigo.

Um total de 25 professores(as) responderam o questionário sobre gênero e Jornalismo na perspectiva profissional. O questionário composto por 21 perguntas, entre abertas e fechadas, tinha a intenção de verificar como os(as) professores(as) que trabalham com as questões de gênero inserem a temática durante a formação.

Esse questionário foi fundamental para compreender a relação entre gênero e formação jornalística nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa. O corpo docente foi selecionado através de indicação da coordenação e busca no currículo Lattes, com base na relação de professores(as) apresentada nos sites dos departamentos.<sup>13</sup> Duas perguntas do questionário tinham a intenção de identificar se os(as) professores(as) que trabalham com as questões de gênero já passaram por alguma situação desconfortável por procurar incluir a temática na formação dos(as) estudantes. De um total de 25 professores(as) que responderam o questionário, cinco (20%) docentes afirmaram já ter sofrido alguma resistência por parte dos(as) colegas por trabalharem com as questões de gênero. Os(as) 20 professores(as) restantes (80%) responderam que não sofreram nenhum tipo de resistência. No entanto, quando perguntados(as) se já vivenciaram alguma resistência por parte dos(as) alunos(as) por abordar questões de gênero, os números aumentam em relação à pergunta anterior: 40% (10 docentes) responderam que sim e 60% (15%) afirmaram não sofrer nenhuma resistência sobre o assunto por parte dos(as) estudantes.

---

<sup>12</sup> O link do questionário foi enviado para os(as) coordenadores(as) no dia 30 de junho de 2017.

<sup>13</sup> Durante essa etapa do trabalho percebeu-se a necessidade de consultar o Lattes dos docentes para identificar uma trajetória de atuação com questões de gênero. Esse método teve o objetivo de cruzar os resultados encontrados com a indicação da coordenação, de modo a obter um levantamento mais completo de informantes. Na busca no Lattes os critérios utilizados para encontrar os(as) professores(as) foram: orientar algum TCC ou iniciação científica sobre o tema, participar de um algum projeto e/ou grupo de extensão que aborde as questões de gênero, participar de um algum projeto e/ou grupo de pesquisa que pautas as relações de gênero e ter trabalhado com a temática na formação, como mestrado ou doutorado. Como a pesquisa versa sobre um retrato atual das questões de gênero nos cursos, consideraram-se orientações e participação em projetos no período de no máximo cinco anos. Outra maneira para delimitar a busca pelo corpo docente foi identificar professores que ministram disciplinas que abordam as questões de gênero.

Em relação às disciplinas que abordam gênero, 64% dos(as) professores(as) (16 de um total de 25) afirmaram ministrar alguma disciplina que trate, direta ou indiretamente, das questões de gênero. Todos(as) docentes disseram que procuram abordar o tema em suas aulas, seja por meio de textos e reflexões, tópicos de discussão ou proposta de pautas, estudos de caso, participação de profissionais, discussões em grupo, exemplos de temas que tratem das questões de gênero, encaminhamento de reportagens ou escolha de exemplos nas aulas teóricas, seminários e debates, entre outras formas.

Outras respostas também evidenciam a inserção das questões de gênero nas mais variadas disciplinas, como na resposta da professora Eliane Basílio de Oliveira da UP: “Em todas as disciplinas que ministro insiro sempre a discussão de gênero, trazendo reflexões dos conceitos, falando das desigualdades de gênero, da violência, dos direitos humanos”. O professor José Carlos Fernandes, da UFPR, informou que aborda em especial questões sobre a população trans, pois “pairam muitas dúvidas sobre o tema e essa população é a mais vulnerável, daí o acento na questão”. O professor da UniBrasil, Gabriel Bozza, relatou que “na disciplina de Estudos Culturais trabalhamos com as subculturas urbanas e analisamos alguns grupos com predominância de mulheres. Em Sociologia debatemos campanhas na publicidade sobre o uso da mulher e preconceitos”.

“Por achar a questão muito relevante no mundo inteiro e especialmente em uma sociedade sexista e patriarcal como a brasileira; por entender que nossas meninas na graduação têm interesse pelo assunto e gostam de discutir sobre isso, inclusive como propostas de práticas jornalísticas e tema de pesquisa; por acreditar que o jornalismo precisa inserir em seus conteúdos cada vez mais esta questão; porque, como mulher e professora, sinto pela experiência e privilégios que tenho, por ter vivenciado pouquíssimas situações discriminatórias, a obrigação de motivar a discussão sobre a questão em ambiente acadêmico, científico e profissional” foi a resposta da professora Myrian Del Vecchio de Lima (UFPR) em relação à abordagem da temática.

A professora Paula Melani Rocha (UEPG) também informou como insere o debate sobre gênero na disciplina Métodos de Apuração: “ao contar sobre a emergência dos procedimentos de apuração no jornalismo informativo, trago exemplos das repórteres mulheres que desenvolveram apuração investigativa. Ao discutir pauta e pluralidade de fontes, também falo sobre a invisibilidade de fontes femininas e das representações de gênero na apuração, entre outras inserções”.

As respostas acima expressam de que forma as questões de gênero são inseridas pelos(as) docentes e enfatizam a importância dessa inclusão. Os apontamentos reforçam a proposição de que é possível trabalhar com a temática de diferentes maneiras e nas mais variadas disciplinas, teóricas, práticas, obrigatórias e optativas. Tão relevante quanto o curso oferecer disciplinas que tratem especificamente sobre gênero, é que o tema perpassa toda a grade curricular, como também atividades extensionistas e de pesquisa, além de ações como eventos, seminários, entre outros.

## 5 RELAÇÕES DE GÊNERO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Em relação ao curso possuir algum grupo e/ou projeto de extensão sobre gênero, a coordenação dos cursos da UFPR, OPET, PUCPR e UniBrasil responderam que não há atividades extensionistas sobre a temática. Essas informações foram conferidas por meio das repostas dos(as) professores(as).



O professor da UFPR, José Carlos Fernandes<sup>14</sup>, em relação às atividades extensionistas, relatou a participação no Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), que atua na área da educomunicação. O professor José Carlos discorreu sobre o núcleo: “desenvolvemos trabalhos com refugiados, população de rua e adolescentes, presidiárias e adolescentes vulneráveis. Questões de gênero se impõem. E sou colaborador no projeto “Nenhuma(a) a menos”, da professora Roberlayne Roballo, que desenvolve o conceito da equidade em escolas públicas de Pinhais”.

Sobre a participação em grupos e/ou projetos de extensão, a professora da Secal há cinco anos, Maria Fernanda Cordeiro, informou que atua “dentro dos eventos acadêmicos do curso e institucionais, auxiliando na organização da programação para promover debates sobre o tema”. Na Secal, a professora Luciane Navarro<sup>15</sup>, na instituição há 10 anos, informou que participa com colegas do projeto de extensão “Violência contra a mulher; mulher e mercado de trabalho”, a partir da produção da disciplina de Questões Contemporâneas. Na instituição há também o projeto de extensão “Questões Contemporâneas”, orientado pelas professoras do curso, Luciane Navarro e Ligiane Malfatti. Através do projeto foi criado o programa jornalístico “Olhar Feminino”. Com informações do site da Secal<sup>16</sup>, a professora Luciane informou que “o programa levará a discussão de gênero para fora da sala de aula e aborda especialmente questões relacionadas às mulheres, seus direitos, a representação, o trabalho, a violência e o estupro”.

A coordenadora da UP citou a atividade extensionista “Grupo de Direitos Humanos”. A professora Ana Paula Mira informou fazer parte do núcleo de direitos humanos, projeto atualmente coordenado pelo professor Emerson Castro, criado em 2017. As atividades desenvolvidas envolvem debates sobre temas como discriminação e desrespeito a direitos básicos e fundamentais de todos e o papel da imprensa nesse processo social, além de propor ações com intuito de reverter atitudes discriminatórias. Emerson também informou sobre ações futuras do Núcleo: “Está previsto para 2018 um programa de rádio (dentro da rádio laboratório do curso) sobre Direitos Humanos, com reportagens e convidados; e principalmente, um calendário completo de ações do NDH, especialmente eventos a cada bimestre”.

O curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa iniciou em 2017 o projeto de extensão “Elos”, como explicou a professora Paula Melani Rocha<sup>17</sup> através do questionário: “Este ano, juntamente com as professoras Graziela Bianchi<sup>18</sup> e Camilla Tavares, criamos o projeto Elos - Direitos Humanos, Jornalismo e Formação Cidadã. A proposta é trabalhar junto com professores do ensino médio e fundamental sobre questões de direitos humanos, o que inclui gênero. O projeto irá se materializar

---

<sup>14</sup> Entre os trabalhos de conclusão de cursos orientados pelo professor José Carlos Fernandes estão “A construção das identidades lésbicas na literatura e no jornalismo brasileiro: um mapeamento”, produzido em 2015 por Agnes do Amaral na UFPR, e “Ibiúna, anteontem: um livro-reportagem sobre cinco mulheres paranaenses que lutaram contra a ditadura militar brasileira”, de Júlia Ledur Guimarães, elaborado em 2016 na UFPR.

<sup>15</sup> Em 2015 a professora Luciane Navarro orientou o trabalho de conclusão de curso “Aplicativo móvel i-Sério: jornalismo e entretenimento para o público LGBT”, produzido por Bhya Amabyllle Zarpellon e Mario Felipe Maciel de Lima na Secal.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://www.secal.edu.br/index.php?n=1658>>. Acesso em: 10 set. 2017.

<sup>17</sup> A professora Paula Melani Rocha orientou em 2017 o trabalho de conclusão de curso “@transmidia Um perfil jornalístico no Instagram com pautas sobre transexualidade” do aluno André da Luz da UEPG.

<sup>18</sup> A professora Graziela Bianchi orientou em 2017 o trabalho de conclusão de curso “Conta, mina: um olhar sobre a mulher MC no cenário do rap paranaense” das alunas Nathasja Rotter e Thanile Ratti da UEPG.

em um site, com conteúdo também de gênero, como por exemplo, a coluna fixa Observatório de Gênero”. A professora Camilla Tavares também discorreu sobre o projeto: “(...) As questões de gênero perpassam o projeto a partir da discussão dos direitos fundamentais da pessoa humana. O Elos é um site - ainda em desenvolvimento - onde teremos colunas sobre o tema, ensaios fotográficos, observatório de mídia, notícias e podcasts. Além disso, trabalharemos em parceria com escolas municipais, a fim de capacitar os professores para poderem abordar questões sobre”.

De acordo com o questionário respondido por professores(as), 11 participam de algum projeto e/ou grupo de extensão que aborda as questões de gênero, mesmo que de maneira transversal. Os outros 14 afirmaram não participar de nenhum grupo e/ou projeto de extensão que trate sobre as questões de gênero, ainda que indiretamente.

De acordo com Imperatore e Pedde (2015), o Plano Nacional de Educação 2001-2010<sup>19</sup>, por meio das metas 21 e 23, buscou alinhar a conceituação de extensão universitária com as discussões do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) e Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias (FOREXT). Segundo os autores, o Plano Nacional de Educação 2001-2010, no que diz respeito à extensão, “propôs a sua universalização através da obrigatoriedade de 10% dos créditos curriculares exigidos para a graduação integralizados em ações extensionistas (meta que não foi atendida)” (2015, p.6).

O Plano Nacional de Extensão Universitária<sup>20</sup> publicado em julho de 2012 apresenta o conceito de extensão universitária, proposto pelo FORPROEX. A definição proposta é a seguinte:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p.15).

Dessa forma, Imperatore e Pedde (2015) indicam que o conceito de extensão universitária defendido pelo FORPROEX (2012) se constitui como “processo acadêmico definido e efetivado em função das demandas sociais, políticas, econômicas e culturais da sociedade e da proposta pedagógica dos cursos, coerente com as políticas públicas e indispensável à formação cidadã” (2015, p.7). As atividades extensionistas, mais que um espaço de ensino-aprendizagem para além das salas de aula, são responsáveis pela interação entre a universidade e sociedade. A extensão possibilita que os(as) estudantes exerçam sua cidadania e possam aprender através do convívio com outras realidades. No terceiro Plano Nacional de Educação (2014-2024) está proposta a universalização da Extensão, além da manutenção dos 10% de obrigatoriedade curricular<sup>21</sup> e orientar “sua integralização em programas e projetos em áreas de pertinência social, exclusivamente” (2015, p.6). Além das diretrizes estabelecidas pela Política Nacional de Extensão, tendem a contribuir para a formação cidadã do(a) estudante:

<sup>19</sup> BRASIL, Lei 10.172, 2001.

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

<sup>21</sup> Ainda que não seja o foco desse trabalho, torna-se pertinente indicar que a discussão sobre a extensão universitária em nível nacional tende a fortalecer essa prática, sobretudo no que diz respeito à Curricularização da extensão que está em consonância com o Plano Nacional de Educação (PNE) decênio 2014/2024, aprovado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.

A Política Nacional de Extensão (FORPROEX, 2012) estabeleceu como diretrizes a interação dialógica, a interdisciplinaridade e interprofissionalidade; a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; o impacto na formação do estudante; o impacto e transformação social, tendo por pilares a sistematização do fazer extensionista e sua universalização. (2015, p.6)

Quando as questões de gênero são trabalhadas na extensão, seja de maneira transversal ou mais diretamente, com novas formas de abordagem no assunto, a temática ultrapassa o ambiente universitário. A extensão torna-se também um espaço propício para que as questões de gênero adentrem as escolas, como é o caso do projeto "Nenhuma a menos", citado pelo professor José Carlos Fernandes, da UFPR, e o projeto Elos, da UEPG. O diálogo entre gênero e educação se constitui como uma das ferramentas mais eficazes no combate à violência, preconceito, discriminação e demais situações de desigualdade.

### 6 PESQUISA ACADÊMICA E O VIÉS DE GÊNERO

Dos 25 docentes que participaram da pesquisa através do questionário, 17 afirmaram participar de grupo e/ou projeto de pesquisa que trata sobre gênero, mesmo que de maneira transversal.

A professora da UFPR Myriam Del Vecchio de Lima<sup>22</sup> relatou sobre sua relação com as questões de gênero na área da pesquisa. "No momento, em quatro projetos de pesquisa envolvendo TCCs (assédio moral nas redações jornalísticas; violência psicológica em relações que envolvem sexo; mulheres grafiteiras em Curitiba, um ambiente predominantemente masculino; e mulheres pioneiras em ciência na UFPR); e em um projeto de pesquisa no mestrado sobre a representação da mulher em revistas brasileiras".

Também da UFPR, a professora Kelly Prudêncio<sup>23</sup> respondeu que o projeto que participa "é sobre a comunicação nas lutas por reconhecimento e o movimento feminista é uma delas". O professor José Carlos Fernandes relatou sua atuação na área da pesquisa em que as questões de gênero são trabalhadas. "No projeto de pesquisa sobre Comunicação e Cultura, com as professoras Myriam Del Vecchio de Lima e Rosa Dalla Costa<sup>24</sup>. Dentro do projeto há o grupo Jornalismo e Ditadura Militar no Paraná, que entre seus temas traz a questão das mulheres nas redações do Paraná na década de 1960 e parte da década de 1970". Regiane Ribeiro, que também ministra aulas na UFPR, citou o projeto que aborda as mulheres latinas. De acordo com a professora, o objetivo é "mapear e identificar como são construídas as narrativas da mulher latina na ficção seriada americana nas plataformas de streaming, em especial na NETFLIX, nos últimos cinco anos, verificando como essas narrativas negociam e ressignificam as

---

<sup>22</sup> Entre os trabalhos de conclusão de curso orientados pela professora Myriam Del Vecchio estão "Livro reportagem: relacionamentos abusivos" da estudante Milena Cristina Alves, de 2017 na UFPR; "Uma flor nasceu na rua: documentário sobre as mulheres que produzem arte urbana na cidade de Curitiba" produzido em 2017 por Júlia Bevilaqua Stefanel na UFPR e "A construção da visibilidade das mulheres na ciência: perfis de pesquisadoras pioneiras na Universidade Federal do Paraná", da aluna Maria Izabel Miqueletto, da UFPR em 2017.

<sup>23</sup> Em 2017 a professora Kelly Prudêncio orientou o trabalho de conclusão de curso da estudante Aléxia Silva Saraiva com o título "Não É Por Amor: O Enquadramento noticioso de feminicídios na Tribuna do Paraná".

<sup>24</sup> Em 2014 a professora Rosa Dalla Costa orientou o trabalho de conclusão de curso "O retrato da violência realizado por repórteres mulheres no jornalismo policial paranaense" da aluna Marina Aparecida Sequinel da UFPR.

identidades no seu sentido multidimensional, principalmente nas categorias de gênero e etnia". Embora não tenha especificado, a professora Rosa Dalla Costa, aposentada em maio de 2017, também afirmou participar de grupo e/ou projeto de pesquisa que aborda as questões de gênero.

O professor Helton Costa, da Secal, citou os grupos de pesquisa "Jornalismo, guerras e conflitos" e "Jornalismo, noticiabilidade e Internet". Segundo ele "nos dois é possível tratar da questão de gênero, seja puxando discussões, seja elaborando pesquisas". Luciane Navarro, da Secal, informou que participa como aluna especial do Doutorado em Ciências Sociais da UEPG na disciplina do Núcleo de Estudos: Questão ambiental, gênero e condição de pobreza, mantendo assim o contato com pesquisas sobre o tema.

O professor da OPET, Uipirangi da Silva, citou o NUPPER: Núcleo Paranaense de Pesquisa e Estudo em Religião, no qual informou coordenar a subárea "Religião e Relações de Gênero". Filipe Bordinhão, da UP, relatou a participação do grupo "Questões de gênero no campo da produção publicitária". Gabriel Bozza<sup>25</sup>, da UniBrasil, respondeu sobre a participação "no grupo de pesquisa Comunicação Eleitoral da UFPR, coordenado pela professora Luciana Panke, autora de uma obra sobre as mulheres na política latinoamericana. Além disso, alguns papers foram produzidos".

A professora da PUC-PR, Criselli Montipó<sup>26</sup>, informou que orienta um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso que trata da diversidade de identidades femininas e um projeto de PIBIC sobre liberdade de expressão que aborda o tema transversalmente.

Paula Melani Rocha, professora da UEPG, mencionou o grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero, que coordena juntamente com a professora Karina Janz Woitowicz<sup>27</sup> desde 2010. "O grupo realiza um evento científico e de extensão com escopo em Gênero e oferece uma disciplina para a pós-graduação Mestrado em Jornalismo também com perspectiva de gênero. O grupo ajudou a pensar a nova grade e a inserir diversidades no conteúdo curricular", explicou a professora. As professoras Graziela Bianchi e Camilla Tavares da UEPG citaram a participação no grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero. Andressa Dancosky<sup>28</sup> da UEPG também relatou sua experiência com as questões de gênero no âmbito da pesquisa: "Atualmente não participo mais do grupo de Jornalismo e Gênero (por falta de tempo, e não de vontade), mas estou em grupo de pesquisa sobre Jornalismo, Profissionalização e Conhecimento, que aborda (entre outros temas) as mulheres jornalistas (foi objeto de tese de uma das coordenadoras do

---

<sup>25</sup> Em 2016 o professor Gabriel Bozza iniciou orientação do trabalho de conclusão de curso "Rodas no asfalto: videodocumentário sobre o estilo de vida e experiências dos clubes de mulheres motociclistas em Curitiba" na Unibrasil, o trabalho é da aluna Julmara Mendes da UniBrasil e ainda está em fase de conclusão, pois a aluna trancou o curso.

<sup>26</sup> Em 2017 a professora Criselli Montipó orientou o trabalho de conclusão de curso "Livro-reportagem em quadrinhos sobre identidade feminina" de Giordana Marcon, Ingridy Moreira, Kiong e Ariele Hosseini da PUCPR e o trabalho "O processo noticioso para o público homossexual" de 2016, do estudante Leanderson Moreira da PUCPR.

<sup>27</sup> A professora Karina possui pesquisas em gênero, através de sua formação, do grupo Jornalismo e Gênero e orientação de pesquisas. No entanto ela não respondeu este questionário por ser a orientadora da pesquisa.

<sup>28</sup> Em 2017 a professora Andressa Dancosky orientou os trabalhos de conclusão de curso "Como eu devo ser: especial multimídia sobre as representações femininas na imprensa" produzido por Alessandra Delgobo e o trabalho de Cássia de Aguiar intitulado "Nossa Família: documentário jornalístico sobre adoção em relações homoafetivas", ambos da UEPG.

grupo, professora Paula Melani Rocha)”. O professor da UEPG, Felipe Pontes<sup>29</sup>, respondeu participar de um Núcleo de Estudo interdisciplinar que estuda gênero, comunicação e representação social. “Atualmente o núcleo realiza pesquisa sobre violência obstétrica em Ponta Grossa”, complementou o professor.

Em relação às respostas dos(as) coordenadores(as) sobre grupos e/ou projetos de pesquisa que incentivam o debate sobre gênero, a coordenação da Positivo citou o Programa de Iniciação Científica (PIC) sobre Gênero e mídia. O coordenador da PUCPR comentou sobre a existência de um grupo que discute a humanização no Jornalismo. Helton Costa, da Secal, citou o grupo de pesquisa sobre enquadramento jornalístico. Além disso, em materiais enviados pelo coordenador está elencada a pesquisa “O direito de votar das mulheres – Diário dos Campos 1932”. A coordenadora da UEPG citou o grupo de pesquisa Jornalismo e Gênero. A coordenação da UFPR, OPET e UniBrasil respondeu que não há grupo e/ou projeto de pesquisa que aborde as questões de gênero.

O crescimento dos estudos de gênero, a criação de grupos de pesquisa e núcleos de estudos possibilitou o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos na área. A articulação entre gênero e pesquisa gera contribuições à medida que esses estudos ajudam a repensar o espaço ocupado pela temática na sociedade e como as relações sociais são perpassadas por gênero. As pesquisas sobre gênero, seja através da produção de trabalhos ou em espaços de discussões, propiciam reflexões sobre o assunto, tornando as questões de gênero mais visíveis e rompendo barreiras ao tratar dessa temática, contribuindo assim para o aprimoramento da formação humanística.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e análise das Diretrizes Nacionais em Jornalismo mostraram que o documento que serve como norteador para as instituições elaborarem seus projetos pedagógicos dos cursos (PPC) não faz nenhuma menção às questões de gênero. Por outro lado, ao buscar identificar a temática no cotidiano da formação profissional, foi possível encontrar disciplinas pontuais que trabalham com esta abordagem. Essa etapa evidenciou que o tema está presente de maneira mais específica em algumas disciplinas, principalmente por um esforço de professores(as) que reconhecem a pertinência destes temas. Assim, o assunto é abordado em diversas disciplinas de maneira transversal, perpassando conteúdos da formação humanística, profissional e processual.

Ao identificar que as questões de gênero se constituem como um tema que perpassa as disciplinas é possível visualizar também a presença de gênero em vários espaços de produção do Jornalismo, como escolha de fontes, enquadramento do acontecimento e linguagem escolhida. Essa compreensão ressalta o quanto a formação profissional está ligada com a pluralidade ou não no exercício da função.

Os resultados dos questionários também indicaram a inserção das questões de gênero na pesquisa e a extensão, através da atuação de professores(as) que buscam inserir o tema cotidianamente na formação. Com projetos e/ou grupos de pesquisa que trabalhem com as questões de gênero há um fortalecimento do campo científico e o tema passa a ter mais visibilidade. Além disso, torna-se um meio de a universidade dialogar com as transformações sociais e demandas da sociedade, ao compreender, através da pesquisa, como as questões de gênero refletem no comportamento e nas percepções dos indivíduos.

---

<sup>29</sup> O professor Felipe Pontes orientou em 2016 o trabalho de conclusão de curso “Na(Ser) Mulher - documentário jornalístico sobre violência obstétrica em Ponta Grossa” produzido por Jaqueline Guerreiro e Leonardo Mordhost, da UEPG.



No âmbito da extensão, além desse diálogo entre universidade e sociedade, os grupos e projetos elaborados nos cursos que fazem parte desse trabalho têm o intuito de reduzir a desigualdade de gênero e propor debates com outros grupos sociais, através do entendimento que a atividade extensionista possui um compromisso com a sociedade, aproximando-a da academia.

São 25 docentes de instituições de Curitiba e Ponta Grossa que reconhecem a necessidade de abordar essa temática com os(as) futuros(as) jornalistas. Identificar de que forma essa abordagem é realizada na formação foi significativo para entender que há um esforço de profissionais que contribuem para a construção de um Jornalismo mais igualitário e inclusivo. Seja em disciplinas específicas, em atividades extensionistas, na orientação de TCCs ou de outras pesquisas, em produções laboratoriais e disciplinas em geral, esses(as) professores(as) são responsáveis pela inserção das questões de gênero com os(as) estudantes.

Diante do exposto, considera-se a importância do ensino de gênero no jornalismo e entende-se que ainda são necessários avanços para que a inserção desta perspectiva apresente-se mais efetiva. É válido destacar que não há nenhum curso, entre os observados, que aborde gênero institucionalmente nos currículos. As iniciativas registradas dependem mais da vontade e interesse individual dos(as) docentes do que de uma prática reconhecida nas instituições, o que se confirma na reduzida oferta de disciplinas específicas voltadas para a temática.

Por fim, ainda que se possa atestar a ampliação de espaços que oportunizam debates e reflexões em torno das questões de gênero nas Universidades nos últimos anos, ainda há muito a ser aprimorado no processo de formação profissional para conciliar demandas específicas da profissão com um ensino que contemple a defesa dos direitos humanos e a igualdade para todas e todos.

## REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ANTONIOLI, M. E. Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional. *REBEJ*, Brasília, v. 4, n. 15, p. 182-197, jul./dez. 2014.
- BRASIL. Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>. Acesso em: 23 set. 2018.
- BRASIL. Resolução n. 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&Itemid=30192)>. Acesso em: 2 abr. 2017
- BRASIL. Decreto. Institui o Plano Nacional de Extensão Universitária (2011-2020), 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7116-pl-pne-2011-2020&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7116-pl-pne-2011-2020&Itemid=30192)>. Acesso em: 23 set. 2018.
- CUNHA, K. M. R. da. Não se faz mais jornalistas como antigamente: reflexões sobre a formação do profissional hipermídia. *REBEJ*, Brasília, v. 5, n. 17, p. 159-171, jul./dez. 2015.
- FORPROEX. Política Nacional de Extensão Universitária. In: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX). Manaus, AM, maio 2012. Disponível em: <<http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2017.

IMPERATORE, Simone L. B; PEDDE, Valdir. "Curricularização" da extensão universitária no Brasil: questões estruturais e conjunturais de uma política pública. In: XIII CONGRESO LATINOAMERICANO DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA, Havana, 2015. Disponível em: <[http://curricularizacaoaextensao.ifsc.edu.br/files/2016/06/1\\_Artigo\\_Curricularizaca\\_da\\_Extensao\\_Universitaria\\_no\\_Brasil.pdf](http://curricularizacaoaextensao.ifsc.edu.br/files/2016/06/1_Artigo_Curricularizaca_da_Extensao_Universitaria_no_Brasil.pdf)>. Acesso em: 28 set. 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, vol. 20, n. 2, pp. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Márcia Veiga da. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

TUCHMAN, Gaye. **Making news**: a study in the construction of reality. London: The Free Press, 1980.

### Entrevistas

ALVETTI, Celina. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

BASÍLIO, Eliane. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

BECKER, Maria Lúcia. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

BIANCHI, Graziela Soares. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

BORDINHÃO, Filipe. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

BOZZA, Gabriel. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

CAMARGO, Paulo. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 2017.

CELINSKI, Giovana Montes. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

CORDEIRO, Maria Fernanda. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

COSTA, Helton. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

COSTA, Rosa Maria Dalla. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

DANCOSKY, Andressa Kikuti. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

FERNANDES, José Carlos. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

KONDLATSCH, Rafael. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

MALFATTI, Ligiane. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

MIRA, Ana Paula. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

MONTIPÓ, Criselli. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

NAVARRO, Luciane. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

PONTES, Felipe Simão. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

PRUDENCIO, Kelly. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

## Formação em Jornalismo e questões de Gênero

RIBEIRO, Regiane. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

ROCHA, Paula Melani. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.

TAVARES, Camilla. Entrevista concedida ao Projeto "Gênero e formação em Jornalismo: um retrato do tratamento das questões de gênero nos cursos de Jornalismo de Curitiba e Ponta Grossa/PR", do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2017.